

***O "Teatro do vazio" é uma proposta,
entre o teatro e as artes plásticas, do Projecto Teatral***

O "Teatro do vazio" é um manifesto que Yves Klein inclui em "Dimanche - Le Journal d'un Seul Jour", edição de artista publicada, sob a forma de jornal, a 27 de Novembro de 1960, como parte do Festival de Arte de Vanguarda - na primeira página da publicação surge a célebre fotomontagem "Salto no vazio." O texto escrito pelo autor francês inicia-se com a frase: "O teatro procura-se desde sempre: ele procura-se depois da origem perdida." É a pesquisa das fundações, dos fundamentos, desse "lugar de onde se olha" - assim nos diz o vocábulo grego "théatron" - que tem vindo a ser realizada pelo Projecto Teatral, agora visível na proposta "vazio do teatro."

Há, contudo, uma ausência: a do corpo do actor. O teatro é assim definido por uma falta, uma falha. Como sublinha Jean-Christophe Bailly, a etimologia da palavra teatro "testemunha claramente" a primazia do espectador. Ali, na sala da Rua do Século, em Lisboa, aquele que vê presença uma carência, torna-a autêntica; valida-a. É um gesto repetido, porque o teatro é feito de repetições, translações, traduções; é uma arte do paradoxo. E pode-se evocar esse arco que vai de um grito a um sopro, da crueldade de Artaud à didascália de Beckett - lembre-se igualmente a origem palavra da palavra actor, "hypokrites", que surge quando um intérprete, o "respondedor", se separa do coro, da comunidade, para dizer um texto.

"vazio do teatro" dá continuidade quer a "estufa" (15 de Dezembro de 2005 - 11 de Janeiro de 2007), quer a "teatro" (2003) - e refiram-se os títulos, sempre em minúsculas, como que a reforçar a ideia de estarmos perante uma acto de resistência; uma espécie de contraponto à dicção

circundante -, um filme em 16mm, sobre o qual o Projecto Teatral escreve nas suas notas de trabalho: "Sempre aqui esteve presente - ressonância imemorial - que de teatro se tratava." E conclui, adiante: "De alguma forma, o teatro quis trabalhar o seu lugar insistindo em descrever e explicar o que lhe deu origem, a si mesmo, o seu 'abismo'. Esse trabalho algo embaçado, uma espécie de negativo do seu trabalho objectivo, visível e que se emprega numa matéria especulativa, completa-se ao prescindir do corpo. Resta o trabalho de descrição, de circunscrição, que a 'didascália' pode realizar. E fá-lo discretamente, num lugar recuado, repetindo-se."

Prescinde-se do corpo, prescinde-se da voz: o lugar dá a ver-se. Agora, de um do lado, um volume quadrado formado por várias toneladas de terra trasladada de um outro sítio; do outro, um entrançado em pano-cru. Uma arqueologia do teatro: desenterrar a origem, revelar o passado, vislumbrar a possibilidade de ocupar-se brevemente esse vazio deixado pelo ponto, que continuamente reitera o texto de todos os actores, assumindo-se enquanto intérprete plural, que não actua. É essa "voz-off", fantasmática, imóvel, que prefigura, repetindo-o, esse lugar enterrado, elementar: a "arkhé" ou princípio do mundo. O ponto ocupa, na cena, o espaço de "testemunha 'semi-morta' ou 'espectador-nado'", nota o Projecto Teatral. Nos degraus escavados, inacessíveis, que levam a um fundo invisível, encontra-se a resposta possível para a procura desse lugar denominado teatro: antes coro, comunidade, agora espectáculo, representação.

O entrançado - colocado rente ao chão sobre um plinto - tem origem no modo como se enfaixavam as múmias. Neste caso, a referência é um contexto muito particular da história da arte: os retratos de Faium, designação proveniente de um território do Egipto, situado 130 km a sudoeste do Cairo. Essas imagens, as mais antigas do género e sobretudo realizadas em encáustica, eram feitas em vida para acompanharem o corpo defunto - Jean-Christophe Bailly aborda-as num livro excepcional "A apóstrofe muda" (Hazan, 1998). Os retratos de Faium, também lidos como máscaras funerárias, operam uma espécie de sincretismo entre modos de fazer egípcios, gregos e romanos - a sua datação vai do primeiro século antes de Cristo até ao primeiro século depois de Cristo -, constituindo, no seu conjunto, uma "população silenciosa." Como sublinha o escritor francês,

os pintores anónimos que os realizaram viviam talvez fora de qualquer vontade de arte, "herdeiros sem dúvida um pouco órfãos do grande 'Kunstwollen [o modo como a força do espírito humano originava afinidades formais numa mesma época, conceito criado pelo historiador Alois Riegl] antigo, provincial, souberam fazer passar sobre pranchas de madeira o sopro de vida que passava e se extinguia à sua volta."

Assim, este volume, este entrancado: abismos, "vazio do teatro."

Óscar Faria

3 de Julho de 2009, *Público*